

“Não tem mais futuro”: modernidade e crise de sentido no romance Dora sem véu, de Ronaldo Correia de Brito

Haymone Leal Ferreira Neto¹

Dora sem véu é o romance mais recente do escritor Ronaldo Correia de Brito. Foi lançado em 2018 pela editora Alfaguara. Trata da viagem da narradora Francisca num caminhão de romeiros em direção a Juazeiro do Norte, no Ceará. Ela é uma socióloga na faixa etária dos 50 anos, casada, sem filhos, que busca no trajeto pistas sobre o paradeiro da avó Dora. Na viagem, entre outros encontros, Francisca conhece Wires, um jovem costureiro de peças íntimas do agreste pernambucano que a surpreende por não corresponder às características estereotipadas do homem interiorano. Em vez das mãos calejadas do agricultor, Wires tem “as palmas finas, as unhas limpas e bem aparadas” (BRITO, 2018, p. 42). Francisca fizera uma dezena de viagens ao Juazeiro em suas pesquisas e conhecia bem as mãos calejadas do povo do interior do Nordeste; as identidades nordestinas, portanto, jamais foram estranhas à narradora.

Num texto publicado originalmente em 1992, Stuart Hall estuda a crise e o declínio das velhas identidades, responsáveis pela estabilização do mundo social (HALL, 2006, pp. 7-10). Em detrimento delas, o autor aponta o surgimento de novas identidades, das quais decorre a fragmentação do indivíduo moderno, até então visto como sujeito unificado. O processo consiste numa mudança estrutural, iniciada nas últimas décadas do século 20, e tem por consequência a fragmentação na paisagem cultural de classe, gênero, nacionalidade e outras categorias. Se, antes da crise, ser como Wires, homem, trabalhador, brasileiro, nordestino e interiorano, forneciam-nos as coordenadas para a localização de determinado sujeito na sociedade, a partir da mudança referida, tais indicações parecem dizer relativamente pouco sobre a personagem. Trata-se, no entendimento de Hall, de um duplo deslocamento: por um lado, o indivíduo passa a ocupar espaços diferentes no mundo social e cultural; por outro, a própria identidade pessoal é posta em questão.

A fragmentação das identidades pode ter como corolário as crises de sentido, nos termos definidos pelos sociólogos Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2004). Os autores entendem que o sentido é constituído na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais. O sentido seria uma forma complexa de consciência que não existe em si, mas em relação a um objeto de referência. Em outras

¹ Aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da professora doutora Allied Ribeiro Machado.

palavras, o sentido é “a consciência de que existe uma relação entre as experiências” (BERGER; LUCKMANN, 2004, pp. 14-15).

O sentido, de acordo com os autores, se forma na vida cotidiana por meio do agir social, e é a partir desse agir social que se estabelece a identidade pessoal do indivíduo. A repetição desse agir social em situações semelhantes forma um acervo social de conhecimento, que resulta na formação de instituições sociais. Segundo os sociólogos,

[a] formação de reservatórios históricos de sentido e de instituições alivia o indivíduo da aflição de ter de solucionar sempre de novo problemas de experiência e de ação que surgem em situações determinadas. Se a situação concreta for idêntica nos traços essenciais com outras constelações já conhecidas, então o indivíduo pode recorrer a patrimônios de experiências e modos de agir já familiares e ensaiados (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 19).

Nas sociedades pré-modernas, havia, segundo os sociólogos, uma tendência à monopolização do reservatório social do sentido nas mãos de “peritos” das instituições sociais (pensemos na Igreja durante a Idade Média), mas isso se dissolve na modernidade com o advento, por exemplo, da difusão no cotidiano de conhecimentos especializados pelos meios de comunicação de massa.

Na modernidade, criam-se as condições ideais para as crises de sentido. No passado, as sociedades tinham, grosso modo, sistemas de valores únicos, obrigatórios para todos, conservados e administrados por instituições sociais. No tempo moderno, contudo, valores comuns e obrigatórios não conseguem atingir todas as esferas da vida; eis a condição essencial para o surgimento das crises de sentido.

A coexistência de diferentes ordens de valores numa sociedade resulta na existência de comunidades paralelas de sentido diferentes entre si; a este estado, os autores dão o nome de pluralismo. No caso da modernidade, em que o pluralismo é em si um valor constituinte da sociedade, pode-se falar especificamente no pluralismo moderno.

Embora reconheçam a existência do pluralismo em outras sociedades (no mundo helênico, por exemplo), os autores veem a plena expressão do pluralismo apenas nas sociedades modernas. Nelas, grupos étnicos, religiosos e demais comunidades de vida estão em interação, próximas espacialmente (ou, tomamos a liberdade de dizer: virtualmente), o que provoca entrechoques de valores e concepções do mundo. Esta forma de pluralismo, destarte, é o fundamento para a difusão de crises subjetivas e intersubjetivas de sentido. Por isso, os sociólogos asseguram que

nos países altamente industrializados, isto é, onde a modernização progrediu mais e onde a forma moderna de pluralismo está plenamente desenvolvida, as ordens de valores e as reservas de sentido não são mais propriedade comum de todos os membros da sociedade. O indivíduo cresce num mundo em que não há mais valores comuns, que determinam o agir nas diferentes áreas da vida, nem uma realidade única, idêntica para todos. Ele é incorporado pela comunidade de vida em que cresce num sistema supra-ordenado de sentido. Mas este não é mais evidentemente o sistema de sentidos de seus concidadãos (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 39).

Assim, ao mesmo tempo em que torna praticamente impossível a manutenção do monopólio dos sistemas de sentidos e valores, a modernização possibilita o surgimento de comunidades supraespaciais de convicção. A partir da reserva de sentido destes grupos, é possível uma comunhão de sentido de comunidades de vida diminuta, mas, em todo caso, os autores ressaltam que “o desenvolvimento global acarreta sobretudo alto grau de insegurança tanto na ação individual quanto na orientação geral da vida” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 43).

Para os pensadores, a causa principal do despedaçamento da ordem universal de sentido pode ser encontrada no recuo da religião. Aqui eles não entendem a religião num sentido amplo, a exemplo do que defendia o sociólogo Émile Durkheim, mas num conceito simples e corrente: religião como fé em Deus e num mundo sobrenatural; no caso do Ocidente, eles tratam principalmente do cristianismo.

Os autores lembram que a sociologia da religião consagrou a chamada teoria da secularização, segundo a qual a modernidade leva inevitavelmente a uma passagem da sociedade do âmbito da religião para o âmbito da laicidade. Mas, embora reconheçam a ocorrência deste movimento na Europa ocidental, eles ressaltam que, em lugares como os Estados Unidos e o chamado terceiro mundo, a religião permanece viva e presente.

Assim, para os sociólogos, embora as crises tenham profunda ligação com a religião, o fator mais importante para o surgimento da crise estrutural de sentido não é propriamente uma suposta secularização, e sim o pluralismo moderno. Suas causas são várias: o crescimento populacional, as migrações, o aumento das cidades, a economia de mercado, a industrialização, o estado de direito, a democracia, a comunicação de massa etc.

O pluralismo moderno conduz, deste modo, a um relativismo dos sistemas de valores, chamada pelos autores de descanonização. Mas, apesar disso, a maioria das pessoas nas sociedades onde o pluralismo moderno vigora “não vagueia sem rumo como os personagens dos livros de Kafka; não é atormentada pelo medo, não é tentada a dar desesperados saltos de fé e não se considera condenada à liberdade” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 51).

Quando comunidades de vida e comunidades de sentido coincidem entre si, se dá o que os autores chamam de autoevidência. A vida social e a existência do indivíduo fluem de maneira habitual. Isso não significa, obviamente, que ele não se questione sobre a vida e o destino, mas “sabe de que o mundo é feito, como se deve comportar dentro dele, o que pode esperar e, por último, mas não menos importante, que ele é” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 53).

No pluralismo moderno, este conhecimento autoevidente é desacreditado: o mundo, a vida, a sociedade e a identidade são problematizados intensamente, e nenhuma perspectiva pode ser tomada como única ou inquestionavelmente correta. Se, por um lado, isso pode ser visto como libertação, por outro é percebido como um peso, uma exigência para o indivíduo, constantemente exigido a reconstruir sua realidade. Neste sentido, é fundamental o papel das instituições, destinadas a resolver a necessidade dos indivíduos de, a cada dia, reinventar o mundo a fim de encontrar nele sua orientação. A manutenção da autoevidência é, assim, papel central das instituições. Nas palavras dos autores, as instituições “substituem os instintos” (BERGER; LUCKMANN, 2004, pp. 54-55).

As determinações das instituições se internalizam na consciência do indivíduo e dirigem sua ação; “as estruturas da sociedade se tornam as estruturas da consciência” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 56). Isso não significa que o mundo subjetivo do indivíduo esteja em plena concordância com a realidade social objetiva: a socialização provoca, se não pequenas fissuras, às vezes até grandes rupturas. Mas, no que os sociólogos chamam de “caso normal” (a sociedade anterior à modernização), os desvios tendem a se limitar ao indivíduo e são contidos pela censura das instituições. No pluralismo moderno, contudo, as instituições têm dificuldade em operar o controle.

Curiosamente, é o mesmo pluralismo o responsável pela oferta de formas de retorno à autoevidência por meio de religiões, programas políticos, terapias etc., e, não raro, os projetos restauradores envolvem o ataque e a supressão ao pluralismo, já que ele “coloca sempre alternativas diante dos olhos, as alternativas obrigam a refletir; a reflexão solapa o fundamento de todas as versões de um ‘mundo curado’ - ou seja, de sua auto-evidência” (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 58).

A modernização transforma radicalmente as condições externas da existência humana, e é tracionada pela tecnologia dos últimos séculos; esta, por sua vez, é baseada nos avanços das ciências modernas. Surge uma multiplicidade de escolhas, que vai dos bens triviais de consumo aos campos social e intelectual; troca-se o destino por um leque amplo de possibilidades decisórias: profissão, casamento, modelo de criação dos filhos e até crença.

Para os autores, são duas as instituições responsáveis pela “compulsão de escolher”: a economia de mercado e a democracia.

É no campo da religião que a perda da autoevidência se revela de forma mais profunda. Para os autores,

[o] pluralismo moderno minou o monopólio das instituições religiosas. Querendo ou não, estas instituições são fornecedoras no mercado de opções religiosas. [...] A pertença a esta ou aquela Igreja já não é auto-evidente, mas resultado de uma escolha consciente. Mesmo aqueles que decidem permanecer com a confissão religiosa de seus pais estão fazendo semelhante escolha: poderiam ter mudado de confissão ou de pertença religiosa ou ainda ter saído simplesmente da Igreja (BERGER; LUCKMANN, 2004, p. 61).

Mas mesmo em sociedades submetidas a crises de sentido, prevalecem vários costumes antigos; as crises não afetam todos os setores da vida simultaneamente. O agir habitual funciona como fortaleza contra os efeitos delas. De acordo com os sociólogos, há nas sociedades mudanças modelares que vem a provocar crises de sentido caso não sejam reconhecidas. Daí a necessidade dos chamados ritos de passagem. Sua função é preencher de sentido tais transformações: a passagem da infância para a adolescência, o início da vida sexual, a entrada no mundo do trabalho, o avanço da idade, a morte etc. O enfraquecimento dos ritos de passagem decorre do pluralismo e é uma das possíveis causas das crises de sentido.

Em todo caso, os autores ressaltam que, mesmo que o pluralismo moderno traga consigo as condições estruturais para as crises de sentido, as sociedades modernas não experimentam uma “difusão dramática” de crises de sentido; não se trata de uma crise geral e de toda a sociedade. Eles apontam as instituições intermediárias como guardiãs de sentido nas comunidades de vida. Com o surgimento do Estado moderno, as próprias igrejas podem exercer este papel, mas também outras instituições, como partidos, movimentos sociais etc.

Acreditamos que uma crise de sentido profunda nas engrenagens da sociedade do sertão nordestino é um dos temas centrais de *Dora sem véu*; neste termo, a teorização do fenômeno por Berger e Luckmann nos ajuda a compreendê-lo e interpretar a essência do romance.

O personagem Wires é um exemplo evidente da crise de sentido a que nos referimos. Ele representa com fidelidade a transição do trabalho no campo, como agricultor, para a indústria, ainda que aqui nos refiramos ao trabalho do setor de confecções, realizado quase sempre em minúsculas unidades fabris, informais, montadas nas próprias residências, no agreste pernambucano. As mãos de Wires, delicadas e bem tratadas, de certo modo apagaram

as marcas do nordestino interiorano do passado, calejadas pelo trabalho duro sob o sol dos roçados.

Em sentido semelhante, a própria narradora Francisca, do alto de sua reconhecida formação acadêmica, parece vivenciar uma crise de sentido ainda mais profunda. O interior nordestino, que conheceu em uma dezena de viagens ao Juazeiro para pesquisar sobre a Aliança para o Progresso ou a literatura de cordel, mudou ligeiro demais, como já citamos. Seu esquema de entendimento da região, para onde viaja em busca de alguma informação sobre o paradeiro da avó Dora, já não corresponde ao que encontra no caminho.

Mas Francisca vive também uma crise de ordem pessoal, que traz consigo um abalo nas antigas instituições organizadoras da vida. O casamento sem filhos com o médico Afonso está prestes a terminar, e ele, também passageiro do pau de arara, não esconde o interesse pela jovem Daiane, que viaja junto com a família no caminhão também com o propósito de pagar uma promessa ao padre Cícero. A narradora percebe o movimento desde o início da narrativa:

Afonso aceita o almoço que a família lhe oferece e come macarrão, farofa, arroz, galinha cozida e feijão. Tudo misturado numa pequena bacia de plástico. A mãe se chama Maria do Carmo, o pai, Josué, o garoto, Sandro, e a moça, Daiane. A moça leva um pedaço de carne à boca de Afonso, num gesto de aparente inocência que realça a beleza dos seus vinte anos, maltratados pela enfermidade. Estranho a rapidez com que todos se tornaram íntimos (BRITO, 20018, p. 13).

Ao chegar ao Crato, Francisca também descobre que a “expedição” do marido Afonso junto com cinco colegas da faculdade de medicina, inclusive o desagradável Emílio, ao estado do Amazonas, a bordo de um barco chamado Estrela Distante, a fim de cuidar das populações ribeirinhas, ainda como recém-formados, tinha na verdade um propósito diferente: explorar sexualmente as mulheres nativas. É o também pouco amigável Isaac, igualmente integrante do grupo, que revela, depois de se embriagar de uísque, como mostra a longa citação a seguir:

- Afonso lhe contou por que ele e Emílio brigaram?
- Por alto.
Minto para esconder que Afonso e eu nunca conversamos sobre a sua trajetória no Estrela.
- Não contou, desconfio. Os dois se odeiam e não sei por que não se mataram. Acho que ainda vão fazer isso. Tem dinheiro na história.
- Isaac, eu preciso ir embora. Será que compreende?
- E o que eles aprontavam com as nativas, contou?
Não vou me livrar de Isaac, a menos que ligue o carro e passe por cima dele. Curou a bebedeira e se sustém firme como as rochas da serra.
- A natureza tropical, o calor, o fluxo mutável da vida desperta os instintos mais baixos do explorador. Ele pensa em extrair a borracha, derrubar as árvores, arrancar os minérios, mas nada disso é bastante. Põe fogo na floresta e não é suficiente. Se imagina acima de qualquer restrição ou crítica e se expande, sem limites. Os médicos esquecem a medicina e se tornam aventureiros. Compreendeu a

que me refiro, Francisca? Com o tempo, eles apostam que os brancos, os negros e os índios são diferentes entre si. Consideram-se brancos e inventam mil justificativas românticas para dar liberdade aos instintos.

Quero escapar à conversa. Isaac impede meu acesso ao carro, interpondo-se como se fosse uma parede.

- Calor, tédio e corpos fáceis, a troco de uma cuia de farinha. A Expedição Thayer nunca expôs ao público as centenas de fotos de nus da gente amazônica. São puritanos demais os americanos, talvez se envergonhem do olhar distorcido da câmera, do foco da objetiva. Afonso e Emílio também fotografaram a nudez das mulheres que procuravam assistência médica, coisa suficiente para cassar seus diplomas de médicos. Afonso escondeu os retratos e sente medo deles (BRITO, 2018, pp. 60-61).

É o mesmo Isaac quem insinua que, após a partida de Jonas, do porto de Mucuripe, em Fortaleza, a avó Dora não retornou a Juazeiro. Em vez disso, ele sugere que Dora seguiu o apelo do padre Cícero e, como muitos nordestinos da época, migrou para a região amazônica.

- Dora passava fome com os quatro filhos. A última lembrança que seu pai guardou deles foi do porto de Mucuripe, quando o barco em que fugiu já tinha se afastado da costa. Não é isso, Francisca? E mesmo assim você teima a acreditar que Dora e as três crianças voltaram ao Juazeiro, lá do Norte ou de Fortaleza. Uma socióloga ingênua. Bom tema para dissertação de mestrado (BRITO, 2018, pp. 32-33).

O fato de Francisca, no fim das contas, não encontrar qualquer pista a respeito de Dora em Juazeiro talvez seja uma sugestão de que a hipótese de Isaac tenha fundamento. O romance não nos dá essa resposta em definitivo. De todo modo, é inevitável estabelecer um paralelismo entre a possível ida de Dora e filhos, em condições de extrema vulnerabilidade, à Amazônia e os crimes cometidos pelos médicos recém-formados do barco Estrela Distante. Assim, ao tentar remover os véus de Dora, a crise de sentido de Francisca só se aprofunda.

As crises de sentido, como a vivenciada pela narradora Francisca em *Dora sem véu*, parecem estar em sintonia com os motivos que levaram Kenneth White a pensar na teoria da geopoiesia: a ausência, no presente, de grandes narrativas fundadoras, seja no mito, seja na religião, seja na história. E o meio pelo qual ela busca a reconexão com algum sentido é justamente “[a] prática da deriva, do nomadismo, do vaguear” (POULET, 2022). A jornada de Francisca pelo paradeiro de Dora, bem como seu desvelamento, pode ser compreendida como a procura por um marco zero a partir do qual seria possível reiniciar a narração da própria trajetória. É no encontro com o costureiro Wires, com seus valores, profissão e história de vida radicalmente diferentes dos vivenciados pelas pessoas entrevistadas por Francisca nas pesquisas de campo do passado, que ela parece vislumbrar novas perspectivas de vida, não mais aferradas aos modelos anteriores.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Dora sem véu*. São Paulo: Alfaguara, 2018.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

POULET, Régis. *A geopoética ou como abrir um mundo*. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo> . Acesso em: 09 mar 2023.